

Emília vai à escola: experimentos com a literatura infanto-juvenil de Monteiro Lobato

*Maria Afonsina Ferreira Matos
Davi Carvalho Porto*

Resumo: Este estudo tem o objetivo de apresentar os resultados obtidos com a execução do projeto de pesquisa Emília vai à escola, que visou, a partir da investigação sobre a presença ou ausência das obras de Monteiro Lobato nas práticas escolares, construir um diagnóstico da situação da leitura do texto lobateano nas escolas de Ensino Fundamental da cidade de Jequié-BA. É também objetivo deste trabalho apresentar os resultados parciais obtidos com a segunda fase do projeto quando foram realizados experimentos com a obra lobatiana no Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Leitura, Ensino, Literatura, Monteiro Lobato.

Abstract: The objective of this paper is to present the results obtained by carrying out the project of research Emily Goes To School. Based on a research about the inclusion or exclusion of the works by Monteiro Lobato in the school book collection, a prognostic study of the situation about reading his books in school was able to verify how the Fundamental Teaching was being carried out in the city of Jequié-BA. Another objective

is to present the first partial results obtained with the second phase of the project, which aims to carry out experiments with the work lobatiana in Fundamental Teaching.

Keywords: Reading, Teaching, Literature, Monteiro Lobato.

Como tudo começou...

Tudo é loucura ou sonho no começo. [...] mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.

(MONTEIRO LOBATO, 1923)

“Ainda acabo escrevendo livros onde as crianças possam morar” – disse Monteiro Lobato, em uma carta dirigida a Godofredo Rangel, em 1926. E, como a palavra tem poder criador, ele construiu, a partir do verbo, a sua República: um sítio de sonhos e encantos para crianças de todas as idades... Quem, pelo menos por algum tempo, habitou o Picapau Amarelo sabe disso e concorda com Emília em que “[...] o único lugar no mundo onde há paz e felicidade é no sítio de D. Benta.” (MONTEIRO LOBATO, 1983, p. 58).

Como alguns desses moradores, nós, estudantes de Lobato na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, em Jequié-BA, desde 2002, temos cuidado para que cada vez mais pessoas se sintam convidadas a fazer desse condomínio de fantasia/realidade sua morada permanente ou temporária...

Assim, incomodados com uma opinião – que já se insinua como verdade nos meios acadêmicos – de que a criança e o jovem de hoje não conseguem mais ler os livros do escritor paulista, alunos de curso de Letras da UESB-Jequié iniciaram uma série de experimentos em escolas, creches, asilos, hospitais etc, propondo a leitura do texto infanto-juvenil lobatiano no intuito de observar o interesse, ou não, por essa obra clássica.

A decisão de iniciar pela observação em campo foi tomada a partir da recomendação do próprio Lobato no seu artigo *A Criança é a Humanidade de Amanhã*, em que ele fala com admiração de uma experiência americana:

Há em Nova Iorque uma instituição muito curiosa. Em certo dia da semana, à tarde, na Public Library da 5^a Avenida, reúnem-se centenas de crianças para ouvir histórias. Existem contadeiras especializadas, que contam como as crianças querem que contem. A instituição tem dois objetivos – recrear as crianças e estudar-lhes as reações, de modo que tudo quanto ocorre é anotado. Classificado, estudado [...] As resultantes dessa obra se acham compendiadas num opúsculo [...] Nele vem o resultado de trinta anos de observação e a classificação por gênero das histórias que mais interessam às crianças. (MONTEIRO LOBATO, 1972, p. 102)

Ora, se, em Nova Iorque, isso era feito com a literatura universal, tão antiga, por que não fazer o mesmo com a literatura lobatiana, tão mais recente e, ainda assim, ameaçada? Assim entendido, isto é, tomando essa anotação lobatiana como sugestiva, partimos para o trabalho experimental e, de acordo com essa orientação, as primeiras experiências foram realizadas, como se vê a seguir: 1) *O Imaginário Infantil e o Mundo de Monteiro Lobato*, projeto desenvolvido em uma creche de Jequié, com crianças de cinco anos; 2) *Monteiro Lobato: passos e espaços*, experimento com jovens de uma unidade de Ensino Médio da rede pública estadual, no turno da noite.

A primeira experiência iniciou-se com sessões de bate-papo sobre os personagens do Sítio – que todos já conheciam da TV – e sobre o escritor Lobato – quase desconhecido pelos pesquisados. Em seguida, realizaram-se sessões de contação de histórias lobatianas e sessões de representação teatral dessas histórias com fantoches e máscaras.

No segundo experimento, foram trabalhados primeiramente textos sobre o autor, seguidos de *A Moura Torta* – texto do livro *Histórias de Tia Nastácia* – e *Negrinha*. A partir dos mesmos, foram propostas discussões sobre questões étnico-culturais, seguidas de uma minimaraton – com atividades relacionadas aos temas trabalhados – encerrada com a apresentação de paródias produzidas pelos grupos de estudo formados na turma de 2º ano noturno do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, em Jequié-BA.

Os resultados dessas intervenções foram animadores. No primeiro caso, os oficinairos, aproveitando a porta aberta pela divulgação televisiva dos personagens lobatianos, acrescentaram a esse conhecimento o saber sobre o escritor e seus textos literários, fazendo as crianças da educação infantil ultrapassarem a informação midiática numa verdadeira expedição pela biografia do escritor e pela audição dos seus contos. No segundo caso, os oficinairos venceram a ideia triunfante entre os jovens de que Lobato é *coisa de criança*, através da criação, a partir dos textos lidos, de espaços de debate sobre temas atuais/adultos – como discriminação étnico-cultural – além da produção de conhecimento e reconto das histórias em grupos, após as discussões.

Esses desdobramentos, confirmando a sugestão lobatiana, indicaram o caminho a seguir. E foi assim que outros grupos de estudantes deram sequência aos experimentos com projetos, a exemplo de: 1) *Emília no País da Gramática*, desenvolvido numa turma do EJA, no Colégio Estadual Magalhães Neto, em Jequié-BA; 2) *Monteiro Lobato, além da imaginação*, realizado com crianças de 2 a 9 anos, no setor de Pediatria da Clínica São Vicente, em Jequié-BA; 3) *Confabulando Valores com Lobato*, aplicado entre adolescentes de 14 a 16 anos no Colégio Municipal Dr. Celi de Freitas, em Jequié-BA; 4) *Leitura e Contação de Histórias: a literatura infanto-juvenil de Monteiro Lobato*, desenvolvido junto a idosos – homens e mulheres entre 60 e 95 anos do Abrigo de Idosos Fundação Leur Brito, em Jequié-BA –, entre outros.

A essa altura, já tínhamos lançado uma semente de provocação não só nos locais de pesquisa, mas em torno de nós

e um clima de discussão se travava. Éramos rondados, tanto por opiniões criativas e fundamentadas como pelas opiniões estereotipadas e superficiais. Cada um queria emitir *seu* juízo sobre a vida do escritor, sua obra, um livro, um excerto e até mesmo frases isoladas desse ou daquele personagem.

O Grupo de Pesquisa e Extensão em Lobato-GPEL

Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão.

(MONTEIRO LOBATO, 1972)

Nesse contexto de muitas falas, surgiu o *Grupo de Pesquisa e Extensão em Lobato-GPEL*, em 2005. Logo após o *I Encontro Nacional de Leitura e Literatura Infanto-juvenil da UESB – I ENLLIJ/UESB*, quando uma mesa-redonda integrada por pesquisadores de outras instituições brasileiras travou um debate animado sobre O Sítio do Picapau Amarelo com os encontréiros, alguns alunos da comunidade uesbiana decidiram pela criação de um grupo de estudos sobre o assunto. Assim, nasceu o GPEL, grupo formado por alunos, ex-alunos, professores, técnicos, bolsistas de iniciação científica e voluntários da comunidade que se apresentam em busca de estudo, pesquisa, produção e partilha de saberes sobre o escritor, sua obra, a recepção de seus textos e as práticas de leitura desses em espaços de educação formal ou não.

O GPEL, como um grupo de estudos do *Programa Estação da Leitura-ESTALE*, desenvolvido no *Centro de Estudos da Leitura-CEL/UESB*, realiza suas atividades sempre considerando a relação dialética entre a produção e a recepção. Reunindo-se todas as terças-feiras (o expediente do grupo é de segunda-feira à sexta-feira, das 14h às 18h), a equipe promove sessões de leitura e discussão da biografia, da obra e da produção acadêmica em torno

dos textos lobatianos, além de discutir, elaborar seus projetos e planejar suas ações de pesquisa e/ou extensão à comunidade.

Sua existência, como grupo de intervenção na realidade, justifica-se pelo fato de se entender que a estética literária do autor em questão, pelo já observado nas experiências iniciais da UESB, ainda tem muito a contribuir para a formação de jovens leitores num tempo em que a crise de leitura reina com tranquilidade espantosa, atingindo níveis preocupantes.

No meio dessa crise, a Bahia aparece como líder no ranking dos estados brasileiros com maior nível de analfabetos completos ou funcionais do país, ou seja, indivíduos marginalizados do mundo das letras e das palavras que não decodificam ou se decodificam, não interpretam, não dialogam com os textos numa terra onde quem sabe ler *é rei*.

É claro que esforços têm sido feitos na tentativa de minimizar os efeitos da crise de leitura, como os apontados na 1ª Conferência Estadual da Educação Básica, realizada em Salvador de 13 a 15 de dezembro de 2007, quando se aprovou como proposta o item Leitura – promoção e formação de mediadores (II) (2008, p. 74):

Garantir que as universidades públicas cumpram efetivamente os seus projetos de extensão, priorizando aqueles voltados para a formação de leitores e mediadores tendo como foco as escolas públicas da educação básica.

Construir e restaurar bibliotecas em todas as unidades escolares, garantindo atualizações constantes do acervo material e a formação do profissional competente para atender aos alunos, professores e comunidade da cidade e do campo.

Assegurar um acervo bibliográfico direcionado aos professores da educação básica das escolas públicas, visando a sua formação leitora, a partir dos interesses e necessidades de cada unidade de ensino, levando em conta as peculiaridades regionais.

Nesse sentido, para oferecer sua contribuição, o GPEL se arrisca contra certas opiniões, como: [...] *Lobato está ultrapassado*; [...] *Quem precisa ler o Sítio? Basta assisti-lo na televisão*; [...] *A linguagem de Lobato é arcaizante...* Ignorando esses juízos de

conveniência e de encomenda, o grupo vai se afirmando, ano após ano, como um espaço promotor de conhecimento e vai, aos poucos, contrariando as previsões apocalípticas sobre a morte literária do autor do Sítio do Picapau Amarelo.

Assim, emancipado em relação ao sensu comum, o GPEL se apresenta como importante aliado na linha de combate ao analfabetismo funcional. Orientada pelos seguintes objetivos: analisar a vida e a obra do escritor paulista, investigar as práticas de leitura dessa obra na microrregião de Jequié-BA e promover o conhecimento da biografia e da produção intelectual do criador do Sítio. A equipe gpeliana segue seu caminho distribuindo saberes e encantos através da leitura.

Para alcançar esses objetivos, o grupo desenvolve suas pesquisas dentro da linha *Didática da Leitura* do ESTALE e promove os eventos: *Workshop Lobato* – na sua quarta edição – para graduandos e professores; *Workshopinho Lobato* – recém-lançado – para crianças e jovens. Além disso, atende a demandas de escolas da região, como no caso do *II e III Encontro sobre Lobato – II e III EMOL* –, evento realizado em 2008 e 2009 na cidade vizinha, Itamari-BA, em que os integrantes e colaboradores do GPEL se fizeram presentes, realizando palestras, minicursos e oficinas. Dessa forma, o GPEL vem cumprindo o seu papel leitorizador e provando que o lugar de Lobato é *novamente na sala de aula*, nas bibliotecas públicas, nos cantinhos de leitura etc.

Tudo isso acontece graças à aprovação de seus projetos pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PPG, pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários/ Proex da UESB, pela Fundação de apoio à Pesquisa do Estado da Bahia/ FAPESB e pelo Ministério da Educação/MEC. Esse apoio institucional garante ao grupo algumas condições básicas para sua atuação no campo da formação de leitores e permite mostrar que Lobato é atemporal, que os leitores em formação precisam ler o Sítio e que não basta assisti-lo na televisão. Permite, ainda, verificar que a linguagem de Lobato, sendo clássica e sociolinguisticamente influenciada pelos valores e modos de seu tempo, pode autorizar

um estranhamento saudável do leitor de hoje e de amanhã que pode e deve ser resolvido pela ação mediadora do professor...

Numa linguagem capitalista em que os números definem os meios e os fins poder-se-ia dizer que muitos *reais* do dinheiro público estão sendo investidos nas propostas deste grupo de jovens do sertão da Bahia. Mas, numa linguagem mais poética e adequada ao objeto em questão, pode-se afirmar que o sonho está se tornando realidade, as barreiras estão sendo transpostas diariamente em um lugar onde os maiores desejos são mérito e respeito acadêmico. Esses jovens compartilham do ideal lobatiano de que “um país se faz com homens e livros [...]” (MONTEIRO LOBATO, 1972, p. 45).

Na pesquisa experimental: *Emília vai à escola...*

Como já afirmado anteriormente, as pesquisas de campo/experimentais do GPEL se agrupam dentro Linha de Pesquisa *Didática da Leitura* do ESTALE. Dentre seus projetos, um já foi concluído. Trata-se do Projeto *Emília vai à escola*: um estudo das condições e práticas de leitura da obra lobatiana no Ensino Fundamental II, cujo principal resultado foi mostrar que o conhecimento sobre o Sítio no universo escolar investigado se limita às informações que os pesquisados trazem da TV e que, embora não tenham oportunidade de ler Lobato na escola, eles desejam conhecer sua literatura e se interessam por ela.

Dentre os projetos em andamento, estão: 1) *Emília vai à Escola*: uma pesquisa experimental com a obra lobateana no Ensino Fundamental II – segunda fase do projeto concluído e planejado a partir dos seus resultados – está sendo realizado no Colégio Estadual Gov. Luís Viana Filho, Jequié-BA, com promessa de resultados animadores; 2) *Emília vai à Escola*: um estudo das condições e práticas de leitura da obra lobatiana no Ensino Fundamental I – em desenvolvimento na Escola Municipal Franz

Gedeon, Jequié-BA, onde já foi possível, pela primeira vez nas investigações do grupo, reunir e apresentar aos pais dos alunos o projeto de pesquisa como forma de convidá-los a se envolverem na questão; 3) *Emília vai à Escola*: um estudo das condições e práticas de leitura da obra adulta lobatiana no Ensino Médio – proposto para responder ao questionamento: que trabalho é feito pelo Grupo de Pesquisa e Extensão em Lobato direcionado ao público do Ensino Médio? De fato, esse público representa uma demanda a ser atendida pelo GPEL e é nesta tentativa que se projeta para 2010 essa iniciativa, objetivando, de forma geral, investigar as condições e práticas de leitura da obra adulta de Monteiro Lobato entre alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e buscando construir um diagnóstico da situação de leitura dos pesquisados. Vale salientar que desenvolver pesquisa no Ensino Médio é um desafio necessário, haja vista que as políticas educacionais de outrora priorizaram investimentos no Ensino Fundamental e no fortalecimento do Ensino Superior, relegando ao segundo plano as demandas do Ensino Médio.

Oficinas de leitura: *Lobato novamente na sala de aula*

As oficinas de leitura nas escolas, nas creches e nos espaços educacionais de Jequié e microrregião objetivam, de forma geral, desenvolver o gosto pela leitura das obras de Lobato e o prazer da escrita através da produção textual a partir das leituras feitas. Isto se dá por se acreditar nas possibilidades da obra lobatiana como estímulo à busca de conhecimento e como exercício de linguagem.

Na realização das oficinas, o grupo adota várias técnicas de leitura e procura contemplar diversas práticas culturais atendendo ao observado por Maria Helena Martins:

Uma visão aberta e realista de práticas culturais não institucionalizadas pode favorecer a percepção de quanto e como tais práticas culturais estão interessando e ensinando jovens brasileiros, à revelia da escola, especialmente a pública. Pois esta ainda subestima linguagens não verbais, ignora textos e recursos não referendados por ela... (MARTINS, 2005, p. 85).

Nesta direção, as propostas se referem a: 1) *oficinas de contação de histórias e reconto* para pré-leitores, em que o desenho e a música são encarados como forma de expressão não verbal que comunicam e são passíveis de análise quando se coloca em questão a recepção do texto. Em geral, são atendidos por essa proposta alunos de creches e das séries de alfabetização; 2) *oficinas de leitura e escrita* para leitores em formação, em que se promove um passeio pela vida do Menino Juca, de Lobato homem feito e do Vô Juca. É interessante ressaltar que, nesse contexto, o conhecimento prévio dos alunos sobre a vida de Lobato é mínimo e que, ao tomarem conhecimento sobre detalhes da intrépida vida do autor, as crianças e os pré-adolescentes ficam admirados e querem saber mais e mais. Eles chegam a apontar características da Emília em Lobato e vice-versa. Também integram as técnicas dessas oficinas, o teatro (*O Museu da Emília*), a dança (*O Balé da Emília*), a música (*Os sons do Sítio*) e os livros são encarados como artífices para sedução dos leitores em relação à linguagem lobatiana. Em geral, são atendidos por essas propostas alunos do Ensino Fundamental I de 1ª a 4ª séries; 3) *oficinas de debate* para jovens. Chegando no Ensino Fundamental II de 5ª a 8ª séries, o grupo se vê desafiado à realizar intervenções inovadoras: os jovens desta faixa etária demonstram, inicialmente, uma recusa à obra lobatiana, por considerarem-na infantil para adolescentes. Daí, a necessidade de apresentar Lobato como um autor jovem, transgressor e problematizador de questões delicadas de sua época: a emancipação feminina, o racismo, o caráter laico, a inovação da linguagem, o petróleo e o ferro brasileiro etc. Nesse caso, são preparadas oficinas direcionadas para essas temáticas. Além disso, as visitas guiadas pelos personagens do Sítio, Emília e Visconde,

à Biblioteca Jorge Amado da UESB costumam atrair o interesse desse público que, em geral, não conhece o acervo bibliográfico e que o descobrindo redescobre esse espaço de ler; 4) *oficinas de mediação de leitura* para adultos. Do Ensino Fundamental passa-se ao Ensino Superior, em que as oficinas do GPEL objetivam capacitar alunos de graduação em Letras e Pedagogia e pós-graduação *Lato Sensu* da área de Letras e professores do ensino básico para atuarem como promotores de leitura. Salienta-se que este público é, sem sombra de dúvida, o que mais apresenta resistência à proposta. Geralmente, eles afirmam que seus alunos não gostam de ler nem de escrever, procurando no do grupo soluções mágicas. Nesse caso, o grande desafio é a desconstrução destes (pré)conceitos. Para tanto, o GPEL adota como estratégia didática: os círculos de leitura guiados por leitores mais experientes em Lobato, os minicursos de leitura para professores, as sessões de leitura de imagens (filmes, documentários, fotografias) e a abertura do acervo bibliográfico do grupo, disponibilizando para empréstimo seus livros literários e teóricos, artigos da sua Hemeroteca, além de oferecer a orientação para a confecção e execução de projetos de leitura.

Todo esse trabalho é fundamentado nas teorias da sociologia da leitura, da estética da recepção e do ensino de linguagens.

Considerações finais

Faça-se uma experiência. Conte uma história qualquer a uma criança. Ela vai recebendo com reações muito dignas de estudo.

(MONTEIRO LOBATO, 1972)

Diante do exposto, pode-se avaliar a contribuição do GPEL tanto no que se refere aos dados coletados pela observação direta em suas atividades como pelos seus desdobramentos.

Os resultados das intervenções gpelianas apontam para questões dignas de atenção quando a preocupação maior é vencer o descaso pelo livro e o analfabetismo funcional. Nesse sentido,

os trabalhos do GPEL indicam: 1) é preciso cuidar urgentemente do problema da mediação de leitura – há estudantes com vontade de ler Lobato, mas não há professores preparados e, nem sempre, há os livros do Sítio nas Escolas; 2) no trabalho de mediação, é preciso alcançar o sentido. Isso pode se dar pela via lúdica de ação pedagógica, pelo trabalho de construção de referências – quando necessário, para a leitura de textos considerados mais difíceis, como no caso de *Os Doze Trabalhos de Hércules*; 3) o livro deve se tornar objeto de desejo – o modo de entrar com ele em sala de aula define o resultado promissor, ou não, da experiência de leitura.

No que se refere aos seus desdobramentos, é possível afirmar que as oficinas de leitura do GPEL oferecem subsídios para uma proposição de ações mais eficazes de forma que o grupo elabore novos projetos de pesquisa e extensão, produza textos para publicação, apresente trabalhos em eventos científicos, realize palestras, ministre minicursos e planeje um curso de pós-graduação *Lato Sensu* nessa área de estudos. Além disso, a produção teórica que partilha seus resultados com professores do Ensino Fundamental (através dos workshops realizados nos anos de 2006, 2007 e 2008) tem fomentado o surgimento de projetos de leitura em escolas da região, a exemplo do Encontro com Monteiro Lobato-EMOL de Itamari-BA, coordenado por Neila Brasil, uma ex-integrante do GPEL, hoje professora da Rede Estadual de Educação Básica, em que o GPEL demonstra a possibilidade de replicabilidade e faz da leitura um meio – e da literatura, um instrumento – de inserção e transformação social na região do Médio Rio de Contas-BA, na qual Jequié figura como eixo central.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura letrada, Literatura e Leitura*. São Paulo: Cultura Dinâmica, 2006.

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- LAJOLO, Marisa (Org.). *Monteiro Lobato*. São Paulo: Abril Educação, 1981, [Literatura Comentada].
- _____. *Monteiro Lobato: Um Brasileiro Sob Medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. [Encanto Radical].
- MARTINS, Maria Helena. Encruzilhada de leituras. *In: Espaços da Linguagem na Educação*. 2ª. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 18ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MONTEIRO LOBATO, José Bento. *América*. 14ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- _____. *A Barca de Gleyre*. 14ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- _____. *Conferências, Artigos e Crônicas*. 14ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- _____. *Memórias da Emília*. 25ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. A criança é a humanidade de amanhã. *In: Conferências, artigos e crônicas. Obras Completas*. Vol. 9. 14a. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- PROPOSTAS DE CONSENSO DA 1ª. CONFERÊNCIA ESTADUAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *In: Educar – Revista da Secretaria da Educação do Estado da Bahia*. Ano 1, nº 1, p. 74, maio 2008.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura no Curso: Trilogia Pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1998.
- _____. *A leitura e o ensino da literatura*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

